

RUBEM AZEVEDO LIMA

Em que acreditar?

Que está acontecendo com o presidente Fernando Henrique Cardoso? Primeiro, ele atacou o Congresso, dizendo que a Câmara provocaria a alta da inflação, de 0,4% para 40% mensais, por não aprovar a reforma da previdência. Agora, FHC recua, elogia o Congresso e prevê, em 1996, inflação entre 15% e 17%, mesmo sem aquela reforma. E descarrega as baterias contra a imprensa, acusando-a de "adversarial", por tirar conclusões sobre fatos isolados, e não sobre tudo que seu governo faz.

Em que declaração os brasileiros devem acreditar? É aconselhável esperar novos desmentidos de FHC, para ver com que versão ele fica em definitivo, se isso for possível. O melhor julgamento de um governo é o feito ao seu término. Mas nada impede que o julguem, periodicamente, para verificar promessas não cumpridas ou programas que fracassam. A qualquer momento, pois, pode-se avaliar se a situação de um país está melhor ou pior. A do Brasil, hoje, com FHC, está melhor do que antes?

Em exercício de democracia, não. Uma emissora do Ministério da Educação, a TVE, promove entrevistas a que só comparecem políticos e áulicos do governo. Isso é democrático? Nos governos Figueiredo, Sarney e Itamar, a TVE, pelo menos, não fazia o jornalismo reverencial de hoje.

A situação econômica do país melhorou? A fora o controle da inflação, obtido no governo Itamar, o desemprego triplicou. As falências de empresas decuplicaram. Itamar herdou a política da nova ordem econô-

mica mundial, apoiada por Collor, mas, mineiramente, a esvaziou, para salvar o patrimônio de estatais estratégicas. FHC seguiu, por opção pessoal, a rota de Collor, com vigor dobrado. Impôs ao Congresso regras draconianas, a ponto de exigir o que nenhum governo, desde Geisel e com exceção apenas de Collor, havia ousado: o fim do respeito aos direitos constitucionais adquiridos.

E a situação social ficou melhor? Nada. Tudo se deteriorou em matéria de saúde, educação e segurança públicas, embora FHC aderisse, de corpo e alma, à tese da globalização econômica, esperando que a diminuição do papel do Estado e das regulamentações na economia melhorasse as condições de vida dos brasileiros. No primeiro ano do governo FHC, o ministro do Tesouro inglês, Kenneth Clarke, falou, com ironia, de globalização: "É o que se entende por modernidade. Eu creio no livre mercado econômico dos Estados Unidos, mas não gostaria de ver na Inglaterra a incúria e a decadência das cidades americanas, que provam o aumento da pobreza naquele país". Não é o que se passa no Brasil? E apontar tais fatos constitui conduta jornalística adversarial?

FHC preocupou-se menos com a situação real dos brasileiros do que com as estatísticas da inflação. Fez, com isso, o país perder o sentido de pátria, para tornar-se mera empresa interessada apenas por lucros. Então, o que se pode dizer de bom sobre FHC? Que, nos últimos 20 anos, só o governo Collor foi pior do que o dele, em um ano. Numa competição política, idêntica à do futebol, FHC escaparia, pois, ao rebaixamento.